



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com o Presidente da Nicarágua, Daniel Ortega**

**Manágua - Nicarágua, 08 de agosto de 2007**

Eu quero, primeiro, cumprimentar o meu companheiro Daniel Ortega e é importante que todos saibam da nossa relação histórica de amizade, não porque ele é presidente e porque eu sou presidente. Nós éramos companheiros quando perdíamos as eleições, portanto, temos uma relação de amizade há mais de 26 anos. A Frente Sandinista e o PT têm uma relação histórica nos bons e nos maus combates, nas vitórias e nas derrotas. Quis Deus que pudéssemos, agora, estar juntos, ele na Presidência da Nicarágua e eu na Presidência do Brasil.

Quero cumprimentar a minha querida companheira Rosario,

Quero cumprimentar os companheiros da minha delegação. Aqui tem gente do Ministério do Desenvolvimento de Combate à Fome, Ministério da Pesca, Desenvolvimento Agrário, tem vários empresários brasileiros que não estão aqui,

Quero cumprimentar os companheiros e companheiras da comitiva nicaragüense,

Quero cumprimentar a imprensa brasileira e a imprensa da Nicarágua. E logo, logo iremos pedir para vocês deixarem a gente fazer a reunião.

Bem, não é a primeira vez que eu chego em um país e há clima de divergência política no ar. Eu nunca me incomodei, porque se tiver divergências, elas têm que ser explicitadas, e se não tiver, também tem que ficar explícito.

A questão energética é o problema grave do século XXI. Por todos os países em que eu tenho andado, sejam países europeus, sejam os Estados



Unidos, seja a África, a América Latina, a Ásia, nós temos problemas de energia. Então, não tem como os líderes políticos e chefes de Estado discutirem esse assunto não levando em conta as especificidades e o potencial energético de cada país. Tem países que já esgotaram todo o seu potencial hídrico e agora têm, como única saída, a energia nuclear, e não é qualquer país que pode construir uma usina nuclear por conta do seu custo. Tem outros países que têm gás de sobra e podem fazer termelétrica a gás, tem outros que têm carvão e produzem a energia de termelétrica de carvão, tem outros países que têm potencial hídrico, como no caso da Nicarágua, como no caso do Brasil, ainda não totalmente explorados. O Brasil tem até agora menos de 30% do seu potencial hídrico explorado. Temos ainda a possibilidade de 264 mil megawatts de energia hídrica. E teremos problemas, porque aprovamos leis de defesa do meio ambiente e precisamos cumpri-las, também porque a sociedade está cada vez mais exigente. Tem países que têm muito petróleo e podem produzir energia a óleo combustível, a óleo diesel, isso depende do potencial econômico de cada país. Se o mundo caminhar para combinar a produção energética na área de energia elétrica e na área de combustíveis para diminuir o aquecimento do Planeta, o biocombustível será inexorável. E, obviamente, também vai depender da realidade de cada país.

Produzir etanol de milho na Nicarágua é como produzir etanol de feijão no Brasil, ou seja, é impossível. Agora, é preciso que procuremos outras plantas. No caso do etanol, o Brasil tem 30 anos de tecnologia consagrada e hoje a maioria dos carros produzidos no Brasil é *flex-fuel*, pode-se colocar 100% de gasolina, pode-se colocar 100% de etanol e pode-se colocar 50%. É a gosto do cliente. E o etanol só é vantajoso quando o custo dele for até 60% do litro de gasolina. Acima de 60% o etanol deixa de ser vantajoso. Mas também no Brasil, há muito tempo, nós já utilizamos 25% de mistura de etanol na gasolina. Qualquer gasolina comprada no Brasil, seja no carro do presidente da



Nicarágua ou no carro do presidente do Brasil, a gasolina tem 25% de etanol. E hoje pode chegar a 100%.

Estamos desenvolvendo o biodiesel, com duas características. Primeiro, uma nova matriz energética na área de combustíveis. Segundo, um combustível que polui muito menos do que o óleo diesel. E terceiro, gera muitos empregos. Eu vou te dar um dado aqui: numa usina de biodiesel com mamona, para cada trabalhador da usina precisa-se de mil trabalhadores no campo. E o Programa de Biodiesel que nós fizemos no Brasil tem uma lei especial que dá incentivo ao empresário que contratar a produção da agricultura familiar, para combinar uma nova energia com geração de empregos.

No Brasil, nós temos muitas oportunidades, nós temos a mamona, temos o pinhão manso, temos o girassol, temos a palma, temos a soja e temos outras oleaginosas. Pois bem, nós estamos num programa muito inicial, a partir de janeiro, todo o óleo diesel do Brasil já terá 2% de biodiesel misturado. Obviamente que o Brasil não tem nenhum interesse em achar que todos os países precisam adotar o nosso modelo. Cada país segue o seu modelo, em função do seu território, em função da aptidão da terra e das necessidades de segurança alimentar.

Quando pensei no biodiesel, pensei em duas coisas: primeiro, a chance dos países pobres poderem produzir, utilizar e exportar para os países ricos o excedente. Segundo, eu pensei na África, porque não é possível que o continente africano continue, no século XXI, sendo o mesmo continente pobre do século XX. E depois, uma coisa importante: nem todo país tem petróleo. Apenas 20 países sustentam a matriz energética de combustíveis derivados do petróleo.

Com os biocombustíveis, nós poderemos chegar a 120 países fornecedores para os países ricos. Ademais, a minha experiência no Brasil, hoje nós estamos tirando petróleo de uma profundidade de quase 5 mil metros,



ou seja, 2 mil metros de lâmina d'água e 3 mil metros no fundo do mar. Uma plataforma, para tirar 180 mil barris de petróleo por dia, está próxima de um custo de 2 bilhões de dólares. Bem, nem todos os países têm tecnologia, nem todos têm petróleo e nem todos têm dinheiro para isso. E, para construir uma plataforma que custa 2 bilhões de dólares, a gente gera, mais ou menos, 7 mil empregos.

Agora, vejam, se nem todos os países têm tecnologia e nem todos os países têm petróleo, todos os países do mundo, por mais pobres que sejam, todos os analfabetos do mundo sabem cavar um buraco de 30 centímetros e colocar uma planta que vai produzir o óleo que ele precisa. É com esta lógica que nós estamos divulgando a política de biocombustíveis no Brasil. Ademais, um dado importante, Daniel. No Brasil, nós temos 850 milhões de hectares. Desses, 360 milhões são da Amazônia, que não queremos mexer. Temos 440 milhões de hectares cultiváveis. Desses, apenas em 1% se planta cana. Portanto, se precisarmos plantar mais cana, tem muita terra. A soja ocupa o equivalente a 4% e o gado ocupa, para pastagem, 29%.

Portanto, é importante ter claro que essa discussão de biocombustíveis é em função da realidade de cada país. Eu não quero que a Suíça plante biocombustível, eu quero que ela compre do Brasil, e quero que compre da Nicarágua, se a Nicarágua quiser produzir, levando em conta duas coisas: a preservação ambiental e a segurança alimentar. Em Bruxelas, eu ia participar de um seminário e disse que os portugueses foram tão inteligentes que introduziram a cana-de-açúcar no Brasil, há 400 anos, e nunca foram à Amazônia, porque sabiam que o solo da Amazônia não servia para plantar cana-de-açúcar.

Eu estou dizendo isso, Daniel, para ficar muito tranquilo de que a política de biocombustíveis está subordinada à realidade de cada país, às condições de cada país, ao tamanho do território de cada país, à necessidade alimentar de cada país e, portanto, cada país é soberano para tomar as suas decisões.



Eu vou te dar um dado importante, Daniel. O megawatt/hora de energia hídrica custa 58 dólares; o megawatt/hora da energia, a carvão, da termelétrica custa 66 dólares; a energia nuclear custa 75 dólares; o gás natural custa 87 dólares; a energia eólica custa 153 dólares; o óleo combustível custa 191 dólares; o óleo diesel custa 300 dólares; e a energia solar, que seria o ideal para todo mundo, custa 900 dólares o megawatt/hora.

Portanto, temos que levar em conta também a realidade de cada país, para que a gente defina o tipo de energia que vamos produzir. No caso da Nicarágua, pelo que o Daniel me contou ontem à noite, nós temos dois momentos. Um momento que é emergencial: a Nicarágua não pode continuar tendo sete horas de apagão por dia. Então, a gente não tem que escolher o tipo de energia. Emergencialmente, é aquela que chegar primeiro. E, a médio prazo, utilizar o potencial hídrico da Nicarágua, e aí é a afirmação que eu quero fazer, de que o governo brasileiro está disposto a discutir com a Nicarágua financiamento e participação de empresas para construir as hidrelétricas que precisam ser construídas na Nicarágua. É importante lembrar que isso é a médio prazo. Uma hidrelétrica, se for pequena, leva dois anos para se construir, se for micro, leva-se um ano e meio, mas se for uma hidrelétrica de 200 megawatts, vai levar três anos para ser construída.

Então, eu só quero dizer ao governo da Nicarágua que estamos dispostos a fazer tudo o que for possível para essa mudança estruturante na produção energética da Nicarágua. Não posso te oferecer gás, porque não tenho, eu compro do Evo Morales. Embora o Brasil seja auto-suficiente em petróleo, nós consumimos tudo que produzimos, não temos como exportar. Temos pouco carvão, portanto, nós temos uma matriz energética específica e o biodiesel faz parte dela, levando em conta a energia do carvão e a energia do diesel, que é muito poluente e não é recomendável utilizá-la. Agora, quando se trata de emergência, o ar aceita um pouco de gás carbônico.

Bem, dito isso, Daniel, eu queria dizer para você que a alegria de estar



aqui na Nicarágua é muito grande. Eu vivi muito de perto a década de 80. Não foram poucas as vezes em que, lá do Brasil, a gente acompanhava o sofrimento daquele grupo de jovens que tinham feito uma revolução e estavam encontrando todo tipo de adversidade para governar este país. Tinha muitos amigos, internos e externos, e também tinha muitos inimigos. A pressão foi tanta que, em 1990, os adversários ganharam as eleições. Você teve a paciência de esperar 16 anos, como eu, que perdi várias eleições. Agora, ganhastes outra vez. E, ao invés de encontrar uma Nicarágua com todos os problemas resolvidos, como diziam os teus adversários, encontrastes uma Nicarágua certamente com os mesmos problemas que deixastes há 16 anos, e com um problema grave nessa questão energética.

Eu penso, Daniel, que Deus escreve certo por linhas tortas. E, agora, você tem um mandato de cinco anos. E você sabe que cinco anos passam muito rápido. Cinco anos são muito longos para a oposição, mas para quem está no governo passa muito rápido. Então, com a experiência acumulada que você adquiriu há 16 anos, você pode fazer em cinco anos o que não foi possível fazer em 10, da primeira vez.

Eu estou vendo os companheiros da frente sandinista, já não são mais tão jovens como eram em 1980, já estão mais calejados, mais experientes. As alianças políticas aconteceram num processo natural, você tem mais amigos no governo, hoje você tem o Kirchner, você tem o Tabaré, você tem o Nicanor, você tem o Rafael, você tem o Evo Morales, você tem o Chávez, você tem o Lula, você tem tantos outros por aí.

Eu acho que o México vai ter uma política mais próxima para a América Latina. O fato de não ter guerras, os países vizinhos da Nicarágua, todos estão em paz, e eu penso que a possibilidade de haver o desenvolvimento nesta região do mundo, é um dos melhores momentos históricos. Eu dizia ao presidente Calderón que, se ele olhar para o Brasil enxergando a América Central, e nós olharmos o México olhando a América Central, os dois países, o



Mercosul e a América do Sul podem contribuir muito mais do que em qualquer outro momento histórico de contribuições com a América Central.

Estou dizendo isso porque estive com o presidente Zelaya ontem e ele me dizia que tinha te visitado duas vezes. Eu acho que isso é extremamente importante, porque a juventude da Nicarágua e a juventude brasileira precisam de esperança, precisam de escola, precisam de empregos, e é isso o que nós temos para oferecer. Da minha parte, esteja certo de que o Brasil pode fazer muitas parcerias com a Nicarágua e, sem ter nenhuma visão hegemônica, nós queremos ter uma visão de parceria, porque essa história de hegemonia é que nos levou a ser colonizados durante tantos séculos. Nós só temos que fazer jus aos nossos heróis que conquistaram a nossa independência. Queremos soberania, queremos ter relações com todos os países do mundo, mas queremos, sobretudo, governar a partir das nossas decisões.

É com esse espírito que eu estou aqui nesta reunião, que vai começar na hora em que nós pedimos ao pessoal da imprensa que se retire. E estou certo de que não é à toa que vamos assinar 12 acordos, é um bom começo. Se, no primeiro encontro, podemos assinar 12 acordos, na sua visita ao Brasil, quem sabe, teremos mais 12, e mais do que 12 acordos para assinar. O importante é que você determine à sua gente e eu determine à minha para que se visitem mais, para que se conheçam mais, para que troquem mais idéias, mais experiências, porque o tempo é curto e, se não exigirmos, a burocracia nos derrota. Então, vamos vencê-la.